

Senado é o maior problema para 78

Das Sucursais

Rio — O senador Gustavo Capanema sustenta que as especulações em torno de uma provável reforma partidária, após as eleições deste ano, partem sempre de um equívoco de observação: a avaliação das dificuldades oficiais para eleger, ao menos nos Estados-chave, governadores, em 78, pelo voto direto.

Ora, para o senador por Minas Gerais não é preciso acrescentar qualquer malícia para constatar, com o simples lastro da experiência e um conhecimento razoável da realidade brasileira, que o governo dispõe de inúmeros e eficientes instrumentos para influir na escolha dos candidatos, mesmo da oposição, impondo o veto revolucionário a nomes que possam encerrar riscos ou significar uma provocação intolerável ou mesmo estimulando composições de forças pouco ortodoxas mas que facilitem um bom resultado.

Difícil, desafiadora, insólita é a eleição para a renovação, em 78, de dois terços do Senado. A Arena não tem como manter a maioria na Câmara Alta, e o senador Capanema ainda não encontrou nenhum raciocínio ou esquema tendente a demonstrar que o governo se conformaria com um Senado majoritariamente emedebista.

Nenhuma novidade na indicação do problema: O MDB manterá os 11 senadores eleitos em 74, enquanto a Arena apenas conservará 6 com mandatos de mais quatro anos.

Portanto, a Arena terá que caminhar para uma campanha em situação de avassaladora inferioridade. Não vai disputar, como na eleição para os governos estaduais, em pé de igualdade com o MDB, apenas dentro de previsões que, vistas de hoje, estão coloridas de pessimismo.

Mas arrancará do fundo do poço, com a sufocante responsabilidade de eleger no mínimo 27 senadores no total de 41 vagas para sustentar uma bancada majoritária, com mais um senador que o MDB. Ora, na última eleição para o Senado, o MDB aplicou na Arena uma derrota fragorosa. E nada, coisa alguma justifica uma reviravolta arenista. O partido vem sendo empurrado pelo presidente Ernesto Geisel para descontar a distância, encurtar diferença. Está claro que não se pode cogitar, com os dados disponíveis, numa migração maciça do eleitorado para a legenda arenista.

E a Arena anda com os quadros debilitados, sem

grandes nomes para a dura campanha de uma eleição majoritária. A submissão ao governo não só desfibra o partido mas desgasta as lideranças junto à opinião pública. O mais recente e penoso exemplo do esvaziamento de uma liderança constrangida a prestar serviços incondicionais ao Sistema é o do senador Jarbas Passarinho, em defensiva angustiada, desde que se exigiu dele parecer aprovando, sem qualquer emenda significativa, a lei que restringe a propaganda eleitoral no rádio e televisão.

Não contando com candidatos para enfrentar um MDB solto numa campanha para uma eleição direta, obrigada a renovar sua bancada para atender às exigências do eleitorado, a Arena não tem como atender às necessidades imperativas do governo. Por isto mesmo parece mais lógico apostar numa reforma partidária, antes de 78, do que na visão inédita de um Senado com maioria oposicionista. **AC**